

Gênero e a educação da pequena infância: histórias sobre príncipes e princesas sob a ótica das crianças¹

Nathalia Chacão Gabriel²

Este trabalho, baseado em uma pesquisa de mestrado³, analisa as relações de gênero a partir das literaturas infantis buscando compreender como as meninas e os meninos aprendem o que é ser mulher e o que é ser homem em nossa sociedade. A pesquisa busca fazer uma relação entre gênero, educação e pequena infância, abordando as questões das representações do feminino e do masculino sob a ótica das crianças. A partir da problematização das expectativas de gênero presentes nas literaturas infantis, no contexto educativo de creches e pré-escolas da rede municipal de Guarulhos – SP, busca-se refletir sobre os processos de normatização de gênero na infância e a ressignificação dessas normas pelas próprias crianças. Partindo da necessidade de aprofundamento na reflexão acerca da relação entre gênero, educação e pequena infância fazendo um diálogo com as pesquisas sobre produção de literaturas para infância.

Possui como referencial teórico a Sociologia da Infância, os Estudos de Gênero e Feministas e os Estudos sobre literaturas infantis que problematizam os processos de generificação nas propostas educativas das crianças pequenas em instituições de Educação Infantil. Afinal, quais são as normas e expectativas de gênero, presentes nas literaturas infantis que envolvem histórias clássicas de príncipes e princesas, presentes

¹ Trabalho apresentado no GT18 – Experiências de Mediação de Leitura na América Latina – ambientes escolares e não escolares.

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), contato: nachacao@gmail.com.

³ GABRIEL, Nathalia Chacão. Gênero e a educação da pequena infância: histórias de príncipes e princesas sob a ótica das crianças. (Universidade Federal de São Paulo), 2016.

nos espaços educativos das creches e pré-escolas? Como estas expectativas permeiam as rotinas e as práticas educativas com crianças pequenas? Como ser menina ou menino marca o processo de educação e as práticas corporais das crianças? E finalmente, como as crianças pequenas respondem a essas normas de gênero e criam outras possibilidades?

Ao utilizar as lentes de gênero a pesquisa busca enxergar as diferentes formas de poder e também as origens das heranças do patriarcado, permite problematizar a autoridade institucionalmente imposta do homem sobre a mulher, do adulto sobre a criança, posta pelo sistema patriarcal, presentes em nossa sociedade. Essa relação de poder que destitui a mulher de direitos sociais e caracteriza a criança como ser incapaz, está disseminada em toda a sociedade, contaminando relações pessoais, familiares e estruturas sociais. É também a forma estrutural na qual as sociedades contemporâneas se organizam, sendo a família a principal instituição de manutenção destas relações hierarquizadas (CASTELLS, 1999).

A temática da literatura e questões de gênero foi foco de recentes polêmicas. Dois recentes episódios envolvendo livros infantis, um deles na prefeitura de Guarulhos, a prefeitura de Guarulhos recentemente começou a distribuir livros nas escolas para que as crianças desde cedo pudessem discutir a respeito da igualdade entre homens e mulheres, sexualidade e preconceito, o problema surgiu quando algumas pessoas não concordaram com a distribuição dos livros afirmando que estes feriam valores da família tradicional e que temas como estes não devem ser abordados nas escolas, mas sim no âmbito privado da casa. Porém o espaço da Educação Infantil tem a interessante característica de propiciar às crianças suas primeiras experiências de convivência em um espaço social mais amplo e diferenciado do meio familiar, e uma intensa convivência com outras crianças numa interação de protagonismo infantil (FINCO, 2010). Esse contexto fomenta apresenta-se como um espaço privilegiado para a investigação sobre o processo de socialização de gênero na infância.

As relações de gênero são compreendidas muitas vezes como a distinção biológica dos sexos, isso ocorre devido a um fator cultural. Muitas vezes as relações têm

o caráter de subordinação, fragilidade, força e outras características que estão ligadas culturalmente ao que é ser mulher e o que é ser homem.

Gênero não é apenas sinônimo de sexo, masculino ou feminino. Gênero também é o conjunto de expressões daquilo que se pensa sobre o masculino e o feminino. Ou seja, a sociedade constrói longamente, durante séculos de sua história, significados, símbolos e características para interpretar cada um dos sexos. A essa construção social dá-se o nome de “relações de gênero”. Por causa do modo como as pessoas percebem os gêneros masculino e feminino na sociedade é que se espera uma série de coisas tanto dos homens quanto das mulheres. (AUAD,2003, p.57)

As identidades de gênero e sexuais são compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. Dessa maneira o que é ser homem e o que é ser mulher em cada sociedade trata-se de uma construção social. “Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma “marca” definidor da identidade (Louro, 2003, p.8); perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência”. Sendo que é neste contexto que se tece a naturalidade da aceitação cultural do lugar da mulher e do homem na sociedade, legitimando a relação de hierarquia do poder entre os gêneros. São nas relações de poder que se estabelecem nas sociedades e que estão submetidas às simbologias e normas que buscam construir um modelo de homem e um modelo de mulher, determinando os papéis sociais e os espaços que devem ocupar na sociedade.

O campo da Sociologia da Infância contribui com a formação do paradigma de que as crianças são atores sociais e que constroem suas vidas e a sociedade na qual vivem a partir de uma perspectiva própria e não da reprodução da vida adulta (SARMENTO, 2008). A criança tem, então, um status social próprio independentemente de seu futuro como adulto, e a partir de sua interação com seus pares e com o mundo que a circunda desenvolve sua própria cultura. Sarmento (2008) argumenta que a consolidação deste campo é trilhada a partir da desconstrução dos paradigmas de infância elaborado no âmbito das “ciências do indivíduo”, e que o entendimento da criança como ator social é

condição essencial para tanto. Ao qualificar a criança como ator social, está implicada a consideração da criança como capaz de desenvolver suas próprias ações sociais com intencionalidade, assim como de desenvolver reflexões sobre suas práticas e ações.

A sociologia da infância, rompendo com a visão da criança como indivíduo incompleto e passivo, desenvolve-se como campo de pesquisa das relações e construções sociais da criança, como grupo social, e do pensar sobre as experiências da infância como processos de socialização e produção de culturas infantis. Neste sentido a pesquisa busca enfatizar a participação ativa das crianças na construção da sociedade na qual vivem, compreendendo que o processo de socialização também é formado por práticas coletivas de interação entre as crianças que protagonizam um processo de apropriação, reprodução e reinvenção da cultura adulta (CORSARO, 2011).

Os Estudos de gênero e feministas apontam para gênero como uma importante categoria de análise: gênero, que pode ser compreendido como um “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e com um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. (SCOTT,1995). Scott (1995) apresenta alguns elementos constitutivos das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, e aponta como o gênero implica em elementos relacionados entre si. Um desses elementos trata da questão dos símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas dos significados de homem e mulher. Os conceitos normativos também colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos são expressos em forma de uma exposição binária que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido do masculino e do feminino. De fato, essas afirmações normativas dependem da rejeição ou da repressão de outras possibilidades alternativas. Podemos compreender socialização neste caso, como um processo múltiplo, conjunto e heterogêneo de experiências socializadoras como um trabalho coletivo de construção e apreensão do mundo, como uma realidade social que faz existir os diferentes sujeitos.

O clássico *Educar para a submissão* (Belotti, 1975), uma importante contribuição para esta pesquisa traz a discussão das relações de gênero na infância, ao relatar observações desde os primeiros anos da criança, analisando o comportamento dos adultos a seu respeito, as relações que estabelecem com as crianças nas diversas idades, o tipo de exigências que lhes são feitas e a maneira como lhes apresentam, destacando as expectativas que envolvem o fato de pertencer a um sexo e não a outro.

Os estudos sobre literaturas infantis apontam que ela não é neutra, ela está inserida em uma cultura e é produzida por pessoas que estão inseridas nessa cultura por isso ela possui diferentes intencionalidades, como por exemplo propiciar a adoção de hábitos de consumo, livros para ensinar determinados comportamentos e boas maneiras. De acordo com Arroyo (2011) a literatura adota por diversas vezes um papel pedagógico e moralizante, uma expectativa cultural que impõe os comportamentos que são considerados adequados para meninos e meninas. A literatura infantil pode ser vista como um modo de inserir a criança em uma cultura a qual ela já está inserida. Por, carregar em si padrões sociais podemos então concluir que essas obras estão carregadas de ensinamentos e intencionalidades para atingir as crianças.

A literatura infantil, vendida como sinônimo de lazer e diversão, como um treino para a entrada no mundo dos(as) letrados(as) ou para o seu aperfeiçoamento, é capaz de ensinar algo além dessas principais atribuições? A resposta nos parece clara: através de uma linguagem moralizante – embora sutil –, os livros destinados às crianças podem influenciar seus comportamentos, suas atitudes e seus pensamentos através das inúmeras mensagens que transmitem. (Botton, 2011, p 25)

Pesquisas brasileiras realizadas recentemente alertam para o “gendramento da infância através dos livros infantis e as possíveis consequências em meninos e meninas”, revelam a presença e manutenção dos estereótipos de gênero e atitudes de submissão das mulheres em relação à dominação masculina nas literaturas infantis. Denunciam como os estereótipos de gênero tradicionais ainda estão muito presentes nessas obras contemporâneas “expondo a maternidade, o casamento e a dependência masculina associadas às figuras femininas. Já questões como o livre-arbítrio para se

manifestarem nos cenários públicos, a coragem e a virilidade foram vinculadas às figuras masculinas, trazendo conteúdos tradicionalmente estereotipados em relação às questões de gênero. (BOTTON e NEVES STREY, 2015). Pesquisas italianas apontam que as literaturas infantis se apresentam com uma ferramenta interessante para análise e estudo das relações de gênero na infância (SEVESO, 2015) e também podem oferecer estratégias pedagógicas para contribuir para a meta de igualdade de gênero.

Levando as justificativas utilizadas podemos citar que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 1999, p.6). É a partir da observação e do conhecimento das diferenças sexuais que a sociedade cria ideias sobre o que é um homem e o que é uma mulher, o que é masculino e o que é feminino, ou seja, as chamadas representações de gênero. É neste contexto que se tece a naturalidade da aceitação cultural do lugar da mulher e do homem na sociedade, legitimando a relação de hierarquia do poder entre os sexos. São nas relações de poder, que são estabelecidas nas sociedades que são submetidas às bases materiais que determinam o modelo e sociedade, o status social, os papéis e as relações sociais do indivíduo.

Devemos considerar que gênero ainda consiste em um tema periférico na formação de professores em geral e, portanto, se revela num campo bastante fértil para pesquisas. A grade curricular regular da maioria das instituições de ensino superior destinadas à formação docente não contempla esses aspectos, mas as políticas públicas de educação nos cobram tratamento crítico das diversidades na escola, enquanto dimensões coletivas ou meramente subjetivas do processo de construção e ampliação dos direitos. (VIANNA E SILVA, 2008, p.15).

Cambi (1999), aponta que na história da pedagogia italiana houve uma descoberta tardia das relações de gênero que permeiam os processos educativos das crianças, bem como os processos de formação de professores e professoras, destacando o silêncio da área com a questão feminina que emerge com os movimentos sociais europeus dos anos 1960, apontando para os desafios e contradições contemporâneos de

uma pedagogia das diferenças comprometida com a emancipação humana, conscientes das desigualdades históricas, mas que busca evitar a manutenção de novos binarismo e a manutenção de relações de poder que mais oprimem que libertam.

A inclusão da temática de gênero nos cursos de formação de professores e professoras propõe uma compreensão de formação que tenha como elemento constituinte uma natureza dinâmica, que considere tanto os conteúdos curriculares disciplinares quanto aqueles inúmeros conteúdos necessários à construção do ser, do saber e do fazer professor ou professora, que se volte para a promoção dos processos emancipatórios comprometidos com a ruptura de determinados modelos de sociedade e de educação excludentes, abordando questões de gênero (FINCO, 2013).

Este trabalho pretende contribuir ressaltando a importância de refletir criticamente os modelos de identidade de gênero e dos códigos de comportamento representados nas literaturas infantis para as crianças pequenas. No preocupante cenário cultural e político que vivemos hoje, no qual se questiona a pertinência da discussão no âmbito educacional sobre as desigualdades de gênero, acreditamos que é bastante relevante as reflexões sobre o processo da construção das identidades de gênero desde a pequena infância, a compreensão de como elas são reproduzidas e resignificadas no espaço educacional de creches e pré-escolas. Desta forma, espera-se contribuir para a construção de práticas sociais emancipatórias que busquem o combate às desigualdades de gênero e fomentem a autonomia e o respeito às crianças desde a pequena infância.

Referências bibliográficas

- AUAD, Daniela. *Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola*. São Paulo. Contexto, 2006.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3 ed., Cidade: São Paulo Editora contexto, 2011.
- BELOTTI, Elena. *Educar para a submissão*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CAMBI, Franco. *La Scoperta del genere*. Società. Italiana, cultura pedagógica e questione femminile. In ULIVIERI, Simonetta. *Educazione e ruole femminile. La condizione delle donne in Italia nel dopoguerra a oggi*. La Nuova Italia, 2000.

BOTTON, Andressa. Andressa Botton em sua pesquisa de mestrado “E o prêmio vai para...”: os estereótipos de gênero no livros infantis premiados na última década. Porto Alegre: UFRGS, (Dissertação de mestrado) Faculdade de Psicologia, Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

BOTTON, Andressa e S STREY, Marlene Neves. A influência do Gênero na Infância: como produzimos meninos ou meninas. In: STREY, Marlene Neves; BOTTON, Andressa; CANODÁ, Eliane e PALMA, Yáskara Arrial (Orgs.) Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas. EDIPUCRS, 2011, pp.23-42.

CASTELLS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. O poder da Identidade. Volume 2. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CORSARO, William A. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre, Editora Artmed, 2011.

INCO, Daniela. *Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero*. Tese (doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 2010.

FINCO, Daniela. *Infância, gênero e cidadania: desafios para a formação docente*. Anais do XXIX Congresso Latinoamericano de Sociologia, Santiago de Chile, 2013.

OURO, Guacira Lopes. et al. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.). *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-90, jul./dez. 1995.

SEVESO, Gabriella. Astrid Lidgren e le eroine al di là degli stereotipi di genere. IN.: B. De Serio (a cura di), *Scrittrici d’infanzia*. Dai libri per bambini ai romanzi per giovinette, Progedit Editore, Bari, 2015, pp. 145-161.

VIANNA, Cláudia Pereira; SILVA, Claudio Roberto da. *Contribuições para a análise da educação escolar*. Revista Educação, São Paulo, p.6-15, 2008